

EDITORIAL

Na terra da vuvuzela o Samba do Brasil

Vuvuzela, Jabulani, Apartheid, Nelson Mandela, África do Sul, Johannesburg, Brasil, povo sofrido mas feliz. A Copa do Mundo de Futebol realizada em terras africanas este ano, traz semelhanças e contrasta situações de euforia com dificuldades próprias de países ainda em busca de respostas. O hoje país da bola conhecida como Jabulani, condenada por muitos, e tratada com carinho por outros, vê seus torcedores tocarem sem parar em vuvuzelas enlouquecidas, que atrapalham até mesmo o narrador mais experiente em sua transmissão internacional e marcam uma copa das transformações. O acontecimento mundial possibilita visibilidade aos jogadores, as seleções mais preparadas e, também ao País que a sedia. A África do Sul, teve neste período anterior a Copa e na sua realização uma chance única na sua história de mostrar-se e valorizar o que tem de melhor. Em cada canto do Mundo a geografia, história e aspectos culturais, economicos da nação africana são comentados e avaliados, sem

falar no turismo a partir de agora. Os recursos investidos nas cidades sede melhoraram, sem duvida, as condições de vida de uma parcela destes grandes aglomerados. Mas as dificuldades permanecem, e a realidade de cada cidadão africano só pode ser conhecida por eles mesmos. Nelson Mandela é um exemplo de luta contra a discriminação racial e o regime que separava negros de brancos. A Copa serve também para que todos conheçam um pouco desta história e como este País se prepara para uma nova era. Neste contexto o Brasil prepara-se para sediar em 2014 o próximo acontecimento do mundo da bola. Muitos são os exemplos e muitos os aprendizados para que, Porto Alegre e nação brasileira possam fazer ainda mais. Que a Copa do Mundo sirva para o crescimento e estimule as cidades a propiciar melhorias para o cidadão. Que vença o melhor. Sorte Brasil.

Paulo Ricardo Tomasini, Editor-chefe.

ARTIGO

O Silêncio dos Inocentes (Crônica Jurídica)

Por Ronaldo Sindermann

Com certeza um dos melhores filmes de suspense de todos os tempos, que assisti foi "O Silêncio dos Inocentes", onde o assustador Dr. Hanibal Lecter, leva o espectador a sentir calafrios ao guiar um agente policial na captura de um serial killer.

Não tão diferente ao título do filme e o que ele provocou aos cinemeiros, está a tal incomoda corneta africana de nome vuvuzela, verdadeira ojeriza dos repórteres, torcedores e jogadores, pelos seus cento e vinte e sete decibéis, que causam uma agressão auditiva ao público presente aos jogos, maior do que uma serra elétrica ou a decolagem de um helicóptero, segundo os especialistas.

Sob os olhos complacentes dos organizadores da copa na África, e o argumento de que é um instrumento tradicional daquele povo, e a sua vedação nos estádios seria uma violência cultural, esqueceram os dirigentes que outras pessoas que foram assistir a copa, também possuem direitos. Mas o pior está por vir segundo informações da imprensa, o sócio da principal fabricante de vuvuzela, já iniciou as negociações com empresas brasileiras visando à copa de 2014.

Já não chega o som em alto volume de alguns carros nos postos de gasolina, na casa do vizinho, em uma festa particular até cinco da manhã no meio da

semana, do caminhão azul que circula pela leal e valorosa cidade de Porto Alegre, tocando um conhecido hino ou o velho ônibus que anuncia uma casa que promove festas liberais que tem nome de mobília de tomar assento. Além de incomodar, é um desrespeito com as pessoas que estão trabalhando ou descansando após um dia de trabalho.

Certas pessoas esquecem que os outros também possuem o direito de se divertir, trabalhar, estudar e, principalmente, descansar com tranquilidade. E sob qualquer pretexto acabam invadindo o modo de vida do outro, que se vê compelido a interromper uma leitura, um descanso, ou até mesmo o trabalho. Os abusos assistidos de sons altos, aliados à poluição sonora, causam irritabilidade, insônia, taquicardia e ansiedade entre outros sintomas alertados pela medicina.

Sob o manto da impunidade, infelizmente por medo do autor do dano ou por acreditar que não dará em nada a queixa, grande parte das vítimas se sentem impotentes mesmo havendo lei que as ampare diante das flagrantes violações ao sossego público.

A tranquilidade é sem duvida alguma, direito inerente a toda pessoa, sendo obrigação das autoridades coibirem toda e qualquer violação. Afinal, temos o direito de viver sem perturbação.

Desculpe! Você viu meu protetor de ouvido?

(*) Advogado

Indignação nacional começa em casa

Por José Andersen

È fácil e até politicamente correto, conforme vocabulário em voga indignar-se com os atos corruptos, nepotistas e até imorais, no mínimo, de alguns dos nossos políticos. Fácil de comentar, mostrar indignação, condenar e logo depois, esquecer e levar a vida como ela é.

Difícil mesmo está em reconhecer nossos pequenos delitos no dia a dia, aqueles que, pensando bem, sempre temos uma justificativa na ponta da língua e a consciência deles pouco presente. Mas que são a origem de tudo que talvez venha a acontecer conosco um dia.

Continuamos por aí afora no trânsito de cada dia, sempre achando que a razão está conosco e no final das contas mesmo, não vai dar nada... estacionar em lugar proibido, obstruir o cruzamento, passar pelo sinal fechado, estacionar na frente da garagem dos outros, cortar pela direita, enfim, facilitar a

nossa vida mesmo com essa "pequenas" infrações, já que as "grandes" são obra dos nossos políticos!

E a lista das "pequenas" infrações, aquelas que nos permitimos em nome da relatividade, vai aumentando. Não só no trânsito, mas no trabalho, na escola, na faculdade e até nos nossos momentos de lazer – ultrapassar pelo acostamento fica valendo – já que filas e engarrafamentos na ida para a praia são para os outros. Beber na frente dos filhos e dirigir. Cinto de segurança nos pequenos, para que mesmo? Aliás só usamos os nossos para evitar as multas...

Fica evidente a nossa hipocrisia social e até o oportunismo ao nos indignarmos publicamente nos jornais e outros meios de comunicação sobre os acontecimentos nacionais enquanto em casa somos complacentes conosco mesmos, citando a impunidade de alguns de nossos políticos.

Isso tudo vai funcionando assim

até o dia em que a soma dos nossos "pequenos" delitos acaba causando um dano considerável e pior, quando envolve nossa própria vida pessoal, seja um acidente fatal ou uma morte inesperada, fruto da sociedade que nós mesmos criamos e vivemos. Surge o momento da dor.

Momento, infelizmente tardio, que nos indignamos e protestamos, através de passeatas e outros atos públicos, em busca de uma "consciência" social que deveria já estar presente nos nossos atos diários de convivência com nossos próximos e com todos os outros.

Que bom seria para a sociedade que essa consciência em relação aos "pequenos" delitos surgisse antes do dano acontecido, da vida perdida, da agressão sofrida, que tiveram sua origem na nossa própria indulgência. Pense.

(*) Médico Perito Federal jose_andersen_7@hotmail.com

DEBATE

Meritocracia

Por Vicente Bogo



O tema da adoção da meritocracia no serviço público encontra larga aceitação política e social e reação por parte dos servidores públicos que temem possíveis perdas.

Em geral, as pessoas não têm conceito claro sobre a meritocracia e, portanto, qual modalidade ou com que intensidade poderia ou deveria ser adotada.

No debate teórico, há um combate à adoção da meritocracia na sociedade por considerá-la produtora de desigualdade social, na medida em que ao valorizar a maximização da capacidade produtiva, acabaria por constituir uma 'classe superior', a qual seria beneficiária de privilégios em detrimento a 'classe inferior'. Trata-se de uma discussão ideológica e, na atualidade, sem foco adequado.

Meritório, segundo o dicionário Aurélio, é o 'que merece mérito ou louvor, louvável'. Para haver merecimento, além da natural distinção de potencial humano, é preciso que haja empenho, esforço, sacrifício. Ainda que a natureza dote alguns com maiores facilidades do que outros diante de uma mesma situação. Do contrário, seria impedir a progressão daqueles que, apresentando aptidões especiais, possam contribuir de modo especialíssimo na evolução do conjunto social. Aliás, da observação das espécies nota-se sua natural seleção pela sobrevivência ou prevalência dos mais capazes. Uma sociedade sem líderes é fadada ao caos, guerra civil, a autodestruição.

Não se trata de eliminar da esfera pública aqueles que não apresentam capacidades superiores. Isto sim seria constituir uma casta na estrutura pública e social.

O que justifica o debate da adoção da meritocracia na estrutura do Estado é a necessidade evidente de melhorar os serviços públicos. Por tabela, eventualmente, reduzir o gasto público. Aliás, este último aspecto atemoriza parte dos atuais servidores, na medida em que no atual modelo remuneratório o desempenho não gera diferencial. Os fatores de diferenciação são os de titulação e tempo de serviço.

Ora, a meritocracia que vem sendo proposta, tanto no nível federal quanto o estadual, se refere ao alcance de determinadas metas de resultado. Neste simplismo teremos que os que tiverem melhor desempenho vão apresentar os outros, mesmo que não tenham contribuído, sequer com esforço, para o resultado alcançado. Isto recomenda que além de se considerar metas a alcançar, também seja considerado a efetiva contribuição e empenho de cada um naquele conjunto examinado. Onde decorre, em cada área, que a avaliação de desempenho para efeito de auferir o mérito deve considerar as particularidades próprias da área envolvida.

A consequência direta da adoção da meritocracia com critério de avaliação, também de desempenho pessoal, pode ensejar o afastamento daquela parcela de colaboradores que reiteradamente não apresentam produtividade mínima, em nome do interesse público. Representa mais uma insegurança posta.

De variados modos, a meritocracia já está presente na iniciativa privada, nas empresas, como se pode ver pela participação nos resultados e programas de ascensão funcional.

Em suma, os cidadãos querem pagar menos impostos e obter melhor prestação pública. E, em tempos de competitividade global, qualidade e resultado fazem a diferença. Então, ideologias à parte, que prevaleça o bom senso e a justiça.

(*) Ex-vice-governador. Ex-Deputado Federal Constituinte

JORNAL FLORESTA

O Jornal Floresta é uma publicação da PRCOM Comunicação e Marketing

Redação: Rua Ernesto Alves, 333 conj. 201 Floresta CEP 90220-190 - Porto Alegre/RS
E-mail: jornalfloresta@jornalfloresta.com.br / Editor: Paulo Ricardo Tomasini (Mtb 6930/RS)
Comercial: Alberto Baseggio / Colaboradores: David Signorelli, Amabile Mansan, Vicente Bogo, Rodrigo Cardia, Diônio Roque Kotz, Carlos Augusto Bissón, Ana Cristina Rosa, Ronaldo Sindermann, José Andersen e André Vinícius / Editoração Eletrônica: Gabinete de Comunicação Integrada / Tiragem: 10 mil exemplares / Impressão: Correio do Povo / Editor: (51) 9258-2662 / Redação e Comercialização: (51) 3225-4164 / Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Jornal filiado à Associação dos Jornais de Bairro e Segmentados de Porto Alegre.

rede
jornal
Porto Alegre/RS